

CONSTRUINDO IMAGENS DA “BOA MEMÓRIA”: A DINASTIA DE AVIS NO DISCURSO DE FERNÃO LOPES

Maria Isabel Morán Cabanas
(Universidade de Santiago de Compostela)

Maria do Amparo Tavares Maleval. *Fernão Lopes e a Retórica Medieval*.
Niterói: Eduff, 2010. Col. “Estante Medieval”.

Muito nos congratulamos quando, em 2010, conhecemos a publicação do livro de Maria do Amparo Tavares Maleval sobre a figura de Fernão Lopes e a sua estratégica utilização de recursos retóricos tirados da tradição clássica e do patrimônio cristão. As suas páginas informam-nos sobre o aproveitamento que de tais legados fez o primeiro arquivista mor da Torre do Tombo, revelando-nos como este coloca a sua escrita ao serviço da defesa da ascensão ao trono da dinastia de Avis. O trabalho em questão parte, pois, da primeira parte da *Crónica del Rei dom João I da boa memoria*, que foi composta por volta de 1450 e constitui, de certa forma, o ponto de chegada das duas precedentes (as dedicadas a *D. Pedro* e a *D. Fernando*), na medida em que estas preparam os acontecimentos que culminam com a sublevação popular e, finalmente, com a eleição de D. João I, consumada nas Cortes de Coimbra na sequência da argumentação do doutor João das Regras.

Embora as diferenças de concepção, estrutura e escrita de cada crônica manifestem um trabalho específico e independente, o fato de D. Pedro ser o progenitor de D. João, Mestre de Avis, a ligação entre os erros de D. Fernando e os comportamentos de certas personagens do seu governo e as circunstâncias que envolvem o interregno estão latentes ao longo de todo o *corpus* conservado de Fernão Lopes. O triunfo de D. João surge, justificada a legitimidade da sua entronização, como o resultado previsível (ou até inevitável) de um longo devir histórico imposto por vontade popular e pelas graças do

providencialismo – tal como põem em destaque, tanto Teresa Amado como Maria do Amparo Tavares Maleval nas suas respectivas abordagens do tema – referimo-nos particularmente, no caso da primeira, a *Fernão Lopes contador de história*, publicada em Lisboa em 1991.

Quanto ao livro que nos ocupa, *Fernão Lopes e a retórica medieval*, tem como base a tese de doutoramento que a autora defendeu em 1982 na Universidade de São Paulo, sob um título tão significativo como *A revolução pelos ornamentos: Fernão Lopes*, em que já demonstrou que a verdade reivindicada pelo cronista para a narração dos acontecimentos não é, a efeitos práticos, tão nua nem tão crua, mas vestida e adereçada de elementos retóricos que a orientam para a legitimação de uma nova dinastia. A análise atenta que a investigadora brasileira faz do seu discurso evidencia a preocupação ideológica e também literária do nosso historiador medieval, apesar do seu desprezo explícito da formosura das palavras ou dos “*compostos e afeitados rrazoamentos, que muito deleitom aquelles que ouvem*”. Ele procura, a todos os níveis, que a qualidade da sua escrita esteja à altura do tema focado.

Aos recursos argumentativos racionais, necessários à demonstração pura e simples dos fatos, e às provas documentais e testemunhais, unem-se os emotivos, que contribuem para combater o tédio do interlocutor, imediato ou mediato, e conquistá-lo para a causa de Avis. Assim, Maria do Amparo Tavares Maleval, após passar em revista o perfil biobibliográfico e contextual de Fernão Lopes, tanto no que diz respeito às circunstâncias sociopolíticas da época, quanto à tradição historiográfica peninsular e mesmo portuguesa, aproveitada e depurada pelo cronista, traça-nos uma útil panorâmica da retórica medieval, diretriz para os poucos que tinham acesso à leitura e escrita: por um lado, aproxima-nos da sobrevivência e influência das obras clássicas, fundamentalmente a de Aristóteles, divulgada sobretudo através do tratado *De inventione*, de Cícero, ou do *Rethorica ad Herennium*, a ele atribuído durante séculos; e, por outro, sublinha o impacto das obras de autores cristãos relativas à oratória, salientando os processos de cristianização desta disciplina e, de forma mais concreta, as relações de Santo Agostinho com Cícero e a arte de pregar, onde convergem os legados clássico e judaico-cristão.

Não encontramos nesta parte do livro um simples elenco ou classificação de um arsenal de figuras e símbolos, mas considerações sobre origens e sistematizações, gêneros (deliberativo, judicial e

epidítico, cuja interpenetração pode observar-se na crônica), fases de elaboração do discurso, heranças que se cruzam na produção historiográfica... Na verdade, deparamos aqui com considerações que contribuem particularmente para compreender a importância da teorização sobre a retórica e a prédica nas cortes dos primeiros reis da dinastia de Avis, onde Fernão Lopes exerceu uma importante função, traduções de Cícero eram incentivadas e Frei Afonso de Alporão – confessor do próprio fundador da dinastia de Avis – compôs uma das *ars praedicandi* mais prestigiadas em terras ibéricas. Aliás, Maria do Amparo Tavares Maleval decidiu dedicar um subcapítulo do seu livro à “Revalidação da retórica na atualidade”, seguindo assim a linha do italiano Carlo Ginzburg, importante nome da Nova História Cultural, e procedendo a uma revisão bibliográfica dos estudos sobre este tema empreendidos na segunda metade do século XX e inícios do seguinte, com atenção para a sua abrangência multidisciplinar (literatura, história, direito, publicidade, filosofia, política, etc.).

A investigadora brasileira guia-nos, de forma simultaneamente erudita e amena, num percurso pela primeira parte da *Crônica de D. João I* a fim de desentranhar os quês e os comos do texto historiográfico. Com ela partimos de uma oportuna revisitação ao assunto central, a várias questões adjacentes e aos principais personagens para empreender uma imersão crítica e reflexiva: em primeiro lugar, leva-nos ao prólogo, em que Fernão Lopes expõe as fórmulas que regem *a priori* a sua concepção da história (imparcialidade, busca de provas que certifiquem dados e negação da formosura no discurso); e, a seguir, adentra-se em páginas da obra que nos revelam como, na praxe, prevalece a consciência do valor da retórica sob o desejo de atrair a afinidade para a causa avisina, apresentada como a causa dos “pequenos” contra os grandes (“entreguistas” e hereges).

Neste sentido, Maria do Amparo Tavares Maleval analisa, justificando e exemplificando, os meios de interação do cronista com os seus interlocutores, os critérios de disposição interna (pois, como ele próprio diz, “*quaaesquer estorias muito melhor sse entendem e nembram se son peferitamente e bem hordenadas*”), a causalidade das sequências narrativas e o aproveitamento da alegoria para atribuir à história da revolução portuguesa de 1383-1385 o caráter de luta do Bem face ao Mal (e, por extensão, Amor *versus* Ódio, Lealdade *versus* Deslealdade, Verdade *versus* mentira, Justiça *versus* Injustiça, Eros *versus* Thanatos). Com efeito, a autora de *Fernão Lopes e a Retórica*

Medieval decifra pormenorizadamente imagens e símbolos da *Crónica de D. João I* que insistem no princípio da vitória do Bem, sublinhando devidamente a influência bíblico-litúrgica: D. João aparece como o Messias, senhor dos pobres e oprimidos; a Revolução assume ares de “guerra santa”; o povo lisboeta assemelha-se aos filhos de Israel que refazem os muros de Jerusalém; ecoam lamentações proféticas; a peste extermina oportunamente os inimigos por vontade sobrenatural; etc. Em definitivo, o uso de figuras serve para ampliar a narrativa da história de Portugal à do próprio Cristianismo, fazendo com que os direitos de Avis ao trono se tornem sacralizados.

Evidencia-se, deste modo, o distanciamento de uma linguagem “comum”, denotativa, através de um pensado programa que Fernão Lopes segue e que Maria do Amparo Tavares Maleval explica com rigor. Com efeito, a investigadora também se detém nas diversas estratégias de que Fernão Lopes lança mão para a confirmação do providencialismo: a reconstituição do comovente sermão do franciscano Frei Rodrigo de Sintra – condizente com a atuação do clero menor nos feitos da Revolução –, o qual trata da grande misericórdia de Deus para com os portugueses fiéis ao Mestre e critica a prevaricação do rei de Castela que, violando os tratos estabelecidos, invadiu Portugal e submeteu Lisboa a um duro cerco; as referências a um Evangelho Português, em que, se D. João é comparado a Jesus Cristo, os seus sequazes são apóstolos aos quais caberia a “evangelização” (conversão) de todos para a fé em Avis. Por sua vez, a prosopopeia de Lisboa representa a voz unificada da coletividade e, quanto ao elogio dos heróis, o primeiro homenageado é Nuno Álvares Pereira quem se aproxima do papel de Pedro quando Jesus Cristo funda sobre ele a sua Igreja.

Ora, como não podia deixar de ser numa análise crítica e rigorosa, em *Fernão Lopes e a Retórica Medieval* apresenta-se-nos também um diálogo aberto com vozes discordantes quanto às opiniões mais habituais, tais como a dos investigadores que vêm interpretando negativamente o elogio do Condestável. E, ainda, o discurso forense do doutor João das Regras para demonstrar a justiça e a utilidade da causa avisina através de provas legais, refutações de controvérsias e enaltecimentos de qualidades, é objeto de pormenorizada explicação. Aliás, ao lado dos fatores que se ligam à grandiosidade, não deixa a estudiosa de focar o uso da ironia e o sarcasmo no discurso fernãolopesco para os devidos efeitos de atacar a falsa nobreza ou o

clero opositor, os traidores, a “aleivosa Leonor Teles”, os cinismos demagógicos... Enfim, de mãos dadas com Maria do Amparo Tavares Maleval, assistimos a todo um desfile de procedimentos retóricos que elevam o Mestre a figura messiânica e enfatizam o sentido mítico da Revolução até dimensões cosmogônicas, onde se defrontam elementos não só culturais, mas naturais e sobrenaturais.

Quando Marcella Lopes Guimarães nos desenha, na *Revista Diálogos Mediterrânicos* (nº 2, maio de 2012), um painel atualizado no que diz respeito aos estudos acerca da crônica medieval que foram levados a cabo no Brasil nos últimos anos, afirma que “vivemos um bom momento para questionamento em vários níveis sobre a historiografia medieval no país, que já tem produzido alguns panoramas de interesse. Essas realizações evidenciam maturidade do campo, capaz de voltar-se a si mesmo a fim de perscrutar tendências, avaliar possibilidades e entender motivações de resgate ou refutação”. E, sem dúvida, tem razão quando destaca nomeadamente a abordagem de Maria do Amparo Tavares Maleval, tanto pelo papel que a pesquisadora representa nesta área, quanto pelo valor do texto que refundiu para a publicação sob várias perspectivas.

Sobressai a sua contribuição para seguir as pegadas e compreender o caminho da recepção de textos clássicos e cristãos no Portugal da Idade Média, o que resulta especialmente interessante para nos aproximar dos modos de ver e pensar daquela altura. Por tudo o que acima temos comentado, cabe incluir *Fernão Lopes e a Retórica Medieval* na História do Imaginário Político, mas não só. Também, de forma bem marcada, se liga à História da Espiritualidade – e, neste sentido, permita-se-nos lembrar as chamadas de atenção do medievalista Mário Martins, de cuja autoria aparecem citados vários trabalhos por Maria do Amparo Tavares Maleval, para a consideração da prosa fernãolopesca como espelho da vivência da religiosidade. Igualmente, o livro associa-se ao âmbito da Mitanálise e Mitocrítica, porquanto aborda o papel da retórica na elevação da personagem a mito, registrando-se, entre outros, o nome do pensador romeno Mircea Eliade como referência quanto a “fundamentos teóricos”.

Parabenizamos, portanto, a autora pelo seu meritório labor investigador e à Editora da UFF, que, numa esmerada edição (até com algumas ilustrativas imagens), nos trazem mais raios de luz sobre o medievo, atualizam os nossos conhecimentos da época, abrem-nos novos caminhos de pesquisa e lançam pontes para uma enriquecedora interdisciplinaridade.